

Uma panorâmica sobre os vestígios romanos na área do Alqueva

Foram apresentados, a 5 de Dezembro de 2014, no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, os catorze volumes da 2ª série de *Memórias d’Odiara*, uma publicação da EDIA (empresa que superintende às acções ligadas à barragem do Alqueva e subsequente plano de rega), em colaboração com a Direcção Regional de Cultura do Alentejo. (O vol. 14 foi distribuído na sessão e o 13 estava no prelo).



Trata-se, no fundo, dos circunstanciados relatórios dos trabalhos arqueológicos levados a efeito pelas várias equipas que ali desenvolveram a sua actividade de prospecção e, inclusive, nos casos em que tal se revelou necessário e relevante, de escavação sistemática.

Coube a Luís Raposo tecer considerações acerca dos volumes que directamente se prendiam com a temática pré-histórica; foi-me solicitado que me debruçasse sobre os que versavam temática das épocas romana, medieval e mesmo moderna. Das reflexões que essa leitura me suscitou – e outras muitas se poderiam, na verdade, fazer – aqui se dá mui sintética conta.

Introdução

Subjacente a esta ‘saga’ está a legislação que preconiza serem as grandes obras que implicam substancial movimentação de terras ou alteração da paisagem precedidas de exaustiva prospecção, para que se registre tudo o que há de momentoso a registar e se salvasse o que é imperioso salvaguardar. Essa, a lei; cumpri-la nem sempre é norma. Por isso, a primeira palavra terá de ser de aplauso para a EDIA – Empresa de

Desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva, S. A., criada em 1995, por ter de imediato feito da lei a sua norma de acção.

A vastidão da área a abarcar determinou que, para o efeito, se criassem empresas de Arqueologia que pudessem concorrer aos programas entretanto gizados para cada área em análise. Poderá, pois, afirmar-se que, também nesse aspecto, o Alqueva determinou um salto qualitativo – e quantitativo! – na orgânica dos trabalhos arqueológicos em Portugal. Os licenciados em Arqueologia, devidamente enquadrados por arqueólogos experientes, acabaram por ter, aqui, possibilidade de testar as suas aptidões, o que em muito contribuiu para o desenvolvimento e o prestígio da ciência arqueológica.

Uma palavra cumpre, desde já, dizer no que respeita à coordenação de todas estas equipas, para que os objectivos fossem atingidos nas melhores condições e no menor tempo possível. E, claro, que aos trabalhos de campo se seguisse a elaboração dos relatórios e que estes tomassem a forma de documentação susceptível de vir a ser publicada. Ao Dr. António Carlos Silva, cuja experiência de organização, capacidade de trabalho e competência já haviam sido bem testadas aquando dirigiu o Departamento de Arqueologia, a nível nacional, foi entregue esse fardo, de que tanto a publicação da 1ª série como, de modo especial, esta magna 2ª série de *Memórias d’Odiana* constitui, sem dúvida, a prova acabada dessas suas qualidades. Não foi apenas o coordenador, mas também ele próprio redigiu cerca de 30 textos sobre o projecto, desde 1996 a 2013.

Realce-se de todos os volumes (embora me refira especialmente aos que vou analisar de seguida) a excelente apresentação gráfica, a maquetização impecável (que se deve a Luísa Castelo dos Reis). Uma bem estruturada simbiose entre a obra científica e a colecção de prestígio, digna de figurar na mais requintada estante. Capa rija, bonita, elucidativa. Sábia conjugação entre texto e ilustrações, sem o recurso a exageradas macrofotografias de página inteira, claramente de estadão, que por vezes se vêem. O rigor segundo as regras, com uma que outra reconstituição virtual, como as que José Luís Madeira preparou para o volume 9, na senda do que, com saber, vem fazendo.

Direi ainda que muito me agradou verificar que se deu atenção inclusive aos vestígios de uma presença humana durante, nomeadamente, a Época Moderna. Um arqueólogo ‘do romano’ ou da Pré-História pode, por vezes, ceder à tentação de menosprezar camadas superiores, de períodos mais recentes. Aqui não se cedeu!

Dessa tarefa ingente, exarada nestes volumes em letra miúda, se traçará mui breve panorâmica.

Volume 7

A ocupação proto-histórica na margem esquerda do rio Guadiana, da responsabilidade de João Albergaria e Samuel Melro.

Após informação acerca da metodologia adoptada, referem-se os três sítios intervencionados datáveis da Idade do Bronze. Faz-se uma análise das sepulturas e dos rituais funerários, numa tentativa, designadamente, de se verificar se eles são, ou não, pela sua tipologia e localização no espaço, reflexo de uma estrutura social.

No que concerne à Idade do Ferro, foram seis os sítios intervencionados, com destaque para as sondagens no Castelo das Juntas, de que se estudam arqueometricamente as cerâmicas exumadas, o sistema de fortificação e o uso do espaço. Aliás, a cerâmica (manual, a torno, cinzenta) interessou os investigadores, assim como os possússeis aspectos arquitectónicos que se prendem com a organização espacial.

Termina o volume com a tentativa de integração da área quer nas culturas do Sudoeste quer na chamada Betúria Céltica, apontando-se perspectivas de novas análises.

Gráficos, desenhos e fotos complementam eficazmente o texto apresentado – tónica, de resto, de todos os volumes.

Volume 8

A ocupação romana desde a ponte de Ajuda à ponte velha de Mourão (o designado ‘Bloco 10’). Reza o subtítulo: «Uma proposta de reconstrução da paisagem». São autoras: Sofia de Melo Gomes, Sandra Brazuna e Marta Macedo.

Dá-se, na I parte, uma ideia pormenorizada dos trabalhos realizados: estruturas, níveis de ocupação, materiais (cerâmica, metais, numismas). Chamaram-me a atenção os diversos tipos de pavimento identificados: de calhaus, de caliça, de terra.

Na II parte, apresenta-se o Guadiana como «vértice directório de povoamento», uma «via de acesso ao interior» claramente atestada quer pela regularidade do povoamento em relação ao seu curso, quer pelos testemunhos materiais da existência de transacções comerciais com o exterior. Por outro lado, encontraram os autores sítios passíveis de se relacionar com os *castella* de época republicana, que Maria e Manuel Maia há anos identificaram na região e para os quais apontaram funções ligadas à mineração, que também aqui decerto existiu.

Identificaram-se 84 sítios; contudo, só 8 estavam abaixo da cota dos 152 metros e, por isso, só estes mereceram, para já, atenção. Foi, inclusive, sugerida a possibilidade de ter havido um parcelamento a 37° W, uma vez que as *villae* surgem regularmente dispostas. Destas realçaria o bom estado de conservação do hipocausto da *villa* de Monte Branco 2 (p. 305).

No que concerne ao Baixo-império, foram poucos os sítios passíveis de atribuir-se a esse período e todos junto ao Moinho da Volta.

Volume 9

De todos, o de menor ‘peso’ real. Trata do ‘Bloco 12’ e prende-se com os vestígios do período romano. Dirigiu-o Maria Conceição Lopes, da Arkésis, uma das empresas então criadas (esta ligada ao Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra).

É do capítulo II que constam as monografias dos cinco sítios estudados. Tecem-se, no I, considerações teóricas acerca, por exemplo, da necessidade de, em situações destas, para além de se identificar, classificar, reconhecer e hierarquizar, a escavação dever proporcionar elementos de análise e de discussão conducentes à atribuição de uma datação.

Tem-se por documentada a articulação dos sítios com o castelo da Lousa, «entreposto comercial de importância superior durante a II Idade do Férreo e até à época romana (Augusto, Tibério, pelo menos)» (p. 38), sendo determinante o papel do rio para a sua localização.

Nas conclusões (p. 41), aponta-se a dificuldade que adveio da separação dos estudos em ‘blocos’ e segundo as margens do Guadiana, o que terá impedido, em seu entender, melhor compreensão do funcionamento dos estabelecimentos a uma escala regional, isto é, no âmbito de «um espaço certamente organizado em *civitates*». Creio que esta afirmação vai carecer de ser confrontada com novas reflexões baseadas nos vestígios encontrados, pois de núcleos urbanos – cuja existência uma *civitas* parece pressupor – não terá havido, até ao momento, notícia que garantidamente o possa atestar. Temos, perto, *Pax Iulia, Myrtilis...* Outras *civitates* haverá que descobrir.

Volume 10

Ocupação medieval e moderna nos concelhos de Moura e de Mourão. Autoras: Heloísa Valente dos Santos e Paula Barreira Abranches.

Na capa, uma ara romana! Por sinal, interessante (as autoras tiveram a gentileza de me consultar), porque, se, a princípio, interpretei os sinais da 1ª linha como eventual dedicação a I(*ovi*) O(*ptimo*) M(*aximo*), uma observação mais cuidada leva-nos a ver aí elementos decorativos, o que pode significar que não há menção do nome da divindade e, nesse caso, o monumento destinar-se-ia a ser colocado num santuário, o que acaba por lhe aumentar o significado cultural.

Começa-se por evidenciar o enquadramento espacial, os objectivos que se pretenderam atingir, os métodos de que se lançou mão.

Foram onze as sondagens realizadas, com merecido relevo para a de Vila Velha de Mourão, pelos singulares elementos colhidos. Estudam-se os materiais de cerâmica, de vidro, de metal (invulgar o aro de brinco com argola registado na fig. 204 ou, ainda, o pregador em forma de escudo da fig. 203), os numismas e a ara.

Destaque-se a fossa de modelagem e fundição do sino de Vila Velha e, na p. 130, transcreve-se a leitura proposta por Mário Barroca de um grafito datável do século XIV, referente, mui possivelmente, ao castelo de Mourão: «Este castelo a de ser feito de XXI dias andados de Janeiro que for a 2 anos».

Após a bibliografia, um amplo anexo com transcrição de documentos.

Volume 11

Da responsabilidade de Rodrigues Ferreira, tem como subtítulo «vestígios da ocupação judaica no século VII», mas não é esse o tema central do volume, que é sobre o período alto-medieval, dito visigótico. Sobre a perseguição aos Judeus nesse período, transcreve o autor cânones de vários concílios, designadamente realizados em Toledo. Aliás, poderei acrescentar que Rodrigues Ferreira perfilha a opinião – neste volume não expressa, porém – de que alguns dos grafitos presentes em rochas da região podem estar redigidos em aramaico.

Realizadas cinco sondagens e feita escavação em área em seis sítios datados do período visigótico. Nas conclusões, sintetizam-se aspectos alusivos à habitação (interessante, a reconstituição virtual da fig. 167), ao período de construção e permanência, aos recursos económicos prováveis e ao espólio. Destaco o instrumento médico ilustrado nas figuras 189 e 190 e as típicas placas de cinturão, em tudo semelhantes à que foi exumada na gruta do Poço Velho, em Cascais (vide Fausto J. A. de Figueiredo e Afonso do Paço, *Placa de cinturão, visigótica, das grutas de Cascais*, Madrid, 1947).

O anexo I contém os desenhos da cerâmica; o II, as fichas de espólio.

Volume 13

O Bloco 14 contemplava o povoamento entre o Degebe e a Ribeira do Álamo. Esteve a cargo de João António Marques, Susana Gómez, Carolina Grilo e Carlos Batata.

Da Idade do Ferro, estudaram-se quatro sítios de que se descreve a arquitectura identificada, o espólio (designadamente o cerâmico, que é estudado mais em pormenor). Das épocas medieval e moderna, forma 26 os sítios assinalados e sobre eles se tecem as considerações finais.

Para além da existência de gráficos e tabelas – comum, aliás, em todos os volumes, como já se disse – assinalaria o cuidado que houve, aqui e de modo geral, na selagem dos sítios, na louvável intenção de os preservar, mesmo sabendo que vão ficar debaixo de água ou até por isso! Não se me afigura, porém, correcta a opção de legendar as fotografias com a palavra «peça», quando é fácil a identificação e, sobretudo, por não haver no texto alusão directa a essa ilustração. Assim, a fotografia 5 (p. 39) não é de uma asa? A foto 6 dessa mesma página não mostra um cossoiro? Na foto 11 (p. 49) não estamos perante contas? Compreensíveis, no entanto, as hesitações em relação à estranha tipologia da cerâmica apresentada nas fotos 9 e 10 – que merece atenção. Também salientaria o forno de pão posto a descoberto na Rocha da Gramacha 2 (p. 399) assim como a moeda de 10 réis do tempo de D. José I aí encontrada (p. 406).

Apela-se, no final, a que doravante mais interesse venha a despertar a micro-história das comunidades.

Volume 14

Realizou-se, de 24 a 26 de Fevereiro de 2010, o 4º Colóquio, cujo objectivo foi pôr em comum o que – atendendo ao grande volume de trabalhos desenvolvidos no âmbito do EFMA (Empreendimento de Fins Múltiplos do Alqueva), ou seja, fundamentalmente, as obras necessárias ao incremento do Plano de Rega (2002-2010) – se concretizara no terreno.

Foram três os conferencistas: António Carlos Silva traçou o panorama dos encontros de Arqueologia centrados no Alqueva; Miguel Martinho interrogou-se sobre o que há a fazer com o património cultural, mormente este que se identificou no quadro do Alqueva; Samuel Melro e Manuela de Deus relataram a acção de acompanhamento

no terreno, por parte da Extensão de Castro Verde do IGESPAR, de todo esse projecto EFMA.

Em quatro sessões, abrangendo um longo período, desde a Pré-história Recente às épocas tardo-romana e medieval, ouviram-se também 22 comunicações, de um modo geral de autoria múltipla, ou seja, de toda a equipa que trabalhou em determinado sítio (o Casarão da Mesquita 4, Alto de Brinches 3, Porto Torrão...) e apresentaram-se 13 *posters*, cuja publicação se louva.

Notável, o conjunto de tipologias diversas dos enterramentos detectados, com a consequente análise das práticas funerárias em diversas épocas.

Foi devidamente sublinhado o elevado valor histórico de uma *villa* romana como a do Monte da Salsa (Brinches, Serpa). Daí provém, por exemplo, uma das mais sugestivas cupas do Alentejo, porque recorda uma senhora com três nomes (*C. Valeria Amma*), a princípio identificada como pertencente à ordem senatorial e que veio a verificar-se não o ser (cf. o texto disponível em <http://hdl.handle.net/10316/23217>, pp. 106-107 e 148).

Faz-se referência às estampilhas em recipientes cerâmicos onde se lê: ECLESIE SCE MARIE / LACALTENSI AGRIPi. Houve, certamente por gralha, má transcrição (LACATENSIAAGRIPI) e não se alude à bibliografia existente sobre este documento deveras significativo, achado precisamente nesse Monte da Salsa, que se refere à «igreja de Santa Maria» a que esses *dolia* pertenciam. Trata-se, mui provavelmente, da igreja matriz de Moura, precisamente da invocação de Santa Maria, até porque na área urbana da cidade se encontraram idênticos testemunhos. Os autores têm discutido o significado da 2ª linha da estampilha: Alicia Canto prefere ler *Lacaltens(is) i(n) Agripi*, pondo a hipótese de o radical *Lacalt* ocultar um nome antigo de Moura, sendo *Agripi* um microtopónimo; João L. Inês Vaz (HEp 7 1997 1141) considera ser essa uma interpretação repleta de dúvidas. Concordo com ele: afigura-se-me muito mais lógico ler apenas o que está: *Lacaltensi Agripi*. *Lacaltensi* poderá ser um adjetivo locativo, a concordar com os termos da linha 1 e, aí, poderíamos apoiar a ideia de Alicia Canto de que se estava perante uma designação de carácter toponímico. E em *Agripi* eu preferiria ver um genitivo de posse, quicá do oleiro (*Agripus?*) que terá feito esses *dolia* «para a igreja de Santa Maria Lacaltense».

Ainda do Monte da Salsa há a referir a lucerna com representação do auriga a conduzir uma quadriga (p. 143) e, de modo especial, o bridão de cavalo (um freio

pequeno) com representação de equídeo, que, aliás, naturalmente pela sua qualidade estética e carácter invulgar, foi escolhido para logótipo do colóquio.

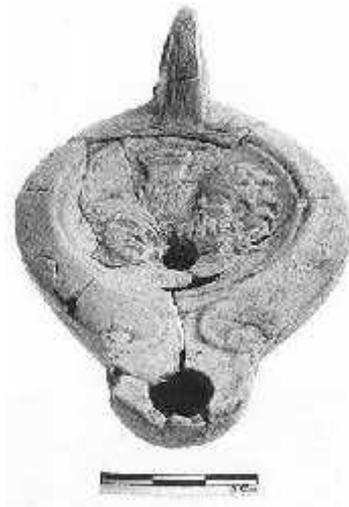
Assinaláveis, a Insuinha 2 (Pedrógão, Vidigueira), *villa* com um lagar de vinho para produção familiar (p. 155-161); e a decoração dos discos das lucernas da Herdade do Vale 6, Cuba (p. 171-177), nomeadamente, pelo seu alcance cultural, a que apresenta máscaras de teatro, datada de 25 a 100 d. C., que traz, além disso, a marca GABINI – e não GABINI[A], como a autora preconiza. GABINI é, também aqui, o genitivo de posse do oleiro, *Gabinius* de seu nome. Trata-se de um gentilício claramente latino (daí o seu interesse), de que, até ao momento, apenas se identificaram mais dois testemunhos na Península Ibérica, concretamente na romanizada Bética e a identificar personagens ilustres (cf. <http://eda-bea.es/>, números 1104 e 17596); aliás, é assaz célebre o cônsul Aulo Gabínio que se notabilizou, ao lado de César, nas lutas contra Pompeu. Tudo isso, portanto, atesta a valia desta necrópole romana de incineração.

E se importa pugnar para que a prístina capela de S. Faraústo (Oriola, Portel), referida na p. 192, possa vir a ser reabilitada; se nos causa admiração o esqueleto de equídeo exumado em Torre Velha 3, Serpa (p. 208); se a necrópole islâmica de Xanca II, em Cuba (p. 219-224), nos faz de imediato lembrar o que supomos ter sido uma das primeiras necrópoles do género escavada entre nós, no Arneiro, Cascais, pela total ausência de materiais a acompanhar o defunto, depositado em covacho cavado à sua medida e voltado para Meca (cf. Guilherme Cardoso e José d'Encarnação, «Cemitério medieval do Arneiro», *Informação Arqueológica* 9 1994 59); se nos deslumbra o campo de silos de Torre Velha 3 (Serpa) – atenção ainda mais especial devem merecer doravante os arredores da cidade de Beja, pois que o depósito campaniense do Monte das Covas 3 (S. Matias) data, naturalmente, do período republicano e deve ser relacionado com a fundação da colónia de *Pax Iulia*.

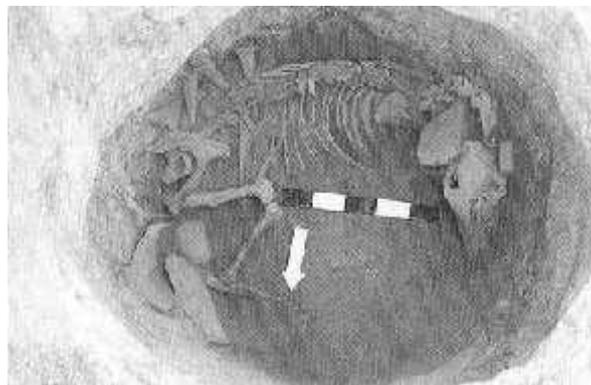
São, enfim, 296 páginas de grande relevância pela variedade dos temas abordados.

E, no que concerne aos sete volumes a que sinteticamente fiz referência, resta afirmar, sem medo de errar, que a louvável iniciativa da sua publicação – e, claro, de toda a 2ª série – honra a EDIA, honra o coordenador e os autores, constituindo, sem qualquer dúvida, mui assinalável marco na história da Arqueologia Portuguesa!

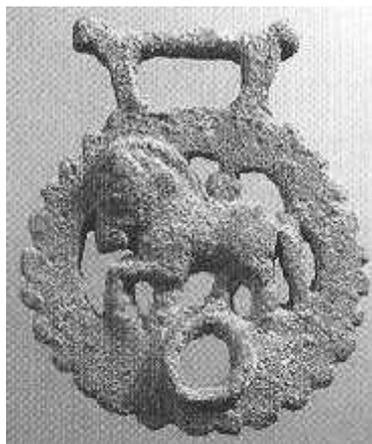
José d'Encarnação



A lucerna com decoração de máscaras teatrais



Esqueleto de equídeo



Bridão de cavalo, de bronze

Publicado em *Cyberjornal*, edição de 11-12-2014:

http://www.cyberjornal.net/index.php?option=com_content&view=article&id=1104:uma-panoramica-sobre-os-vestigios-romanos-na-area-do-alqueva&catid=19&Itemid=30